

Sicetel analisa o mercado de aço

Apesar do aumento do volume de aço processado pelas empresas do setor, a importação indireta de aço contido em automóveis, máquinas e equipamentos preocupa o Sicetel.

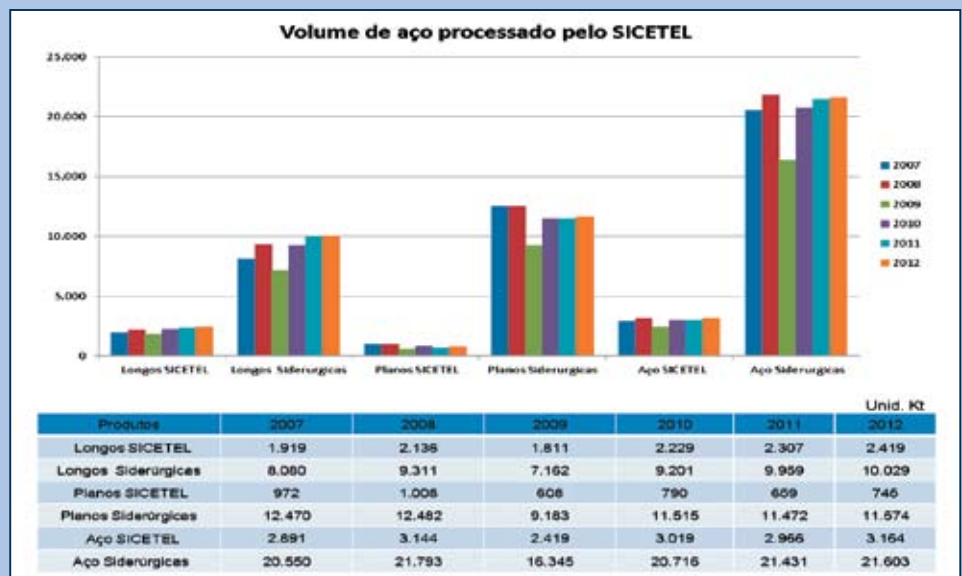
Segundo o relatório *Análise do Mercado de Aço – 2013*, elaborado pelo departamento de economia e estatística do Sindicato Nacional da Indústria de Trefilação e Laminação de Metais Ferrosos (Sicetel), entre 2011 e 2012, o volume de aço processado pelas empresas associadas à entidade cresceu 7%. Em relação a 2007, o crescimento foi de 9%. No segmento de aços longos, o volume processado cresceu 5% em 2012 em relação a 2011 e 26% em relação a 2007. No segmento de planos, em 2012, o crescimento foi de 13% em relação a 2011, mas ficou 23% abaixo do volume de 2007.

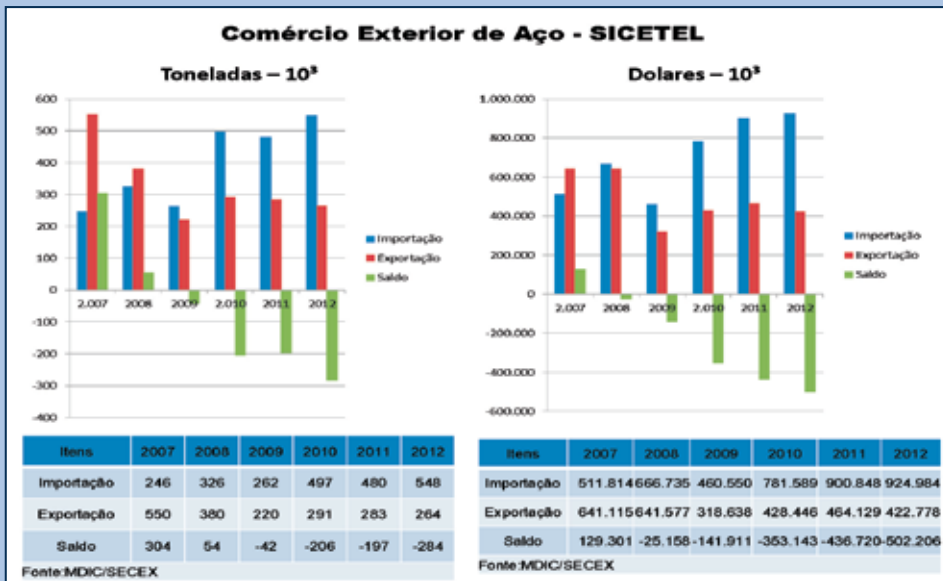
A participação do Sicetel nas vendas das siderúrgicas brasileiras oscilou entre 14 e 15% de 2007 a 2012. Embora a entidade tenha mantido a sua participação nas vendas das siderúrgicas no período, as usinas nacionais perderam mercado para o aço importado. Portanto, as empresas do Sicetel perderam participação no consumo aparente do segmento.

Longos e planos – No segmento de longos, a participação das em-

presas do Sicetel oscilou em torno de 24% entre 2007 e 2012, enquanto no segmento de planos houve uma queda de 20% na participação, passando de 8,1% em 2008 para 6,4% em 2012. As trefilarias integradas são responsáveis por 61% do volume de longos processados pelo Sicetel; as trefilarias independentes, por 35%; e os outros segmentos, por 4%. No segmento de planos, a relaminação é responsável por 79% do aço processado pelo Sicetel; o segmento de perfis; por 16%; e os reprocessadores de aços elétricos, por 5%.

Balança comercial – No tocante ao comércio exterior, o grupo de produtos fabricados pelas empresas associadas do Sicetel vem apresentando um déficit comercial crescente nos últimos seis anos: passaram de um superávit de US\$ 129,3 milhões em 2007, equivalente a 304 mil toneladas, para um déficit de US\$ 502,2 milhões em 2012, equivalentes a 284,2 mil toneladas. Em dólares, as importações cresceram menos de 3% em 2012, em relação a 2011, mas, em peso, essas importa-





ções cresceram 14%. Em relação a 2007, o aumento das importações em dólares foi de 81% e, em peso, o crescimento atingiu 123% no mesmo período.

As importações diretas de aço passaram de 1,6 milhões de toneladas em 2007 para 3,5 milhões de toneladas em 2012. Considerando que para cada tonelada de

aço importada diretamente, uma tonelada e meia é importada indiretamente, embutida em produtos da indústria automobilística, máquinas e equipamentos e outros, a perda de oportunidade de negócios do segmento é enorme. O relatório aponta também que, em 2011 e 2012, as importações diretas de aço apresentaram uma grande redução em relação ao pico de 2010. No entanto, as importações indiretas têm crescido a cada ano, atingindo o montante de 5 milhões de toneladas por ano em 2011 e 2012.

As exportações do setor em 2012 caíram 10% em relação a 2011 em dólares e, em peso, a queda foi de 7%. Em relação a 2007, a queda em dólares foi de 34% e, em peso, foi de 52%.



Na Regional Telhas você encontra uma linha diversificada em aços planos.



Excelência em produtos siderúrgicos e coberturas metálicas.

tel.: 18 3421 7377

www.regionaltelhas.com.br



Os produtos reprocessados de aços planos registraram em 2012 um déficit comercial de 185,6 milhões de dólares, equivalente a 115 mil toneladas, enquanto em 2007 tiveram um superávit de 114,8 milhões de dólares, equivalente a 276 mil toneladas. Em 2012, as importações em toneladas, aumentaram 51% em relação a 2011 e, em dólares, o aumento foi de 12%. Em relação a 2007, as importações cresceram 246% em toneladas e 119% em dólares. Em 2012, as exportações cresceram 2% em relação a 2011 em toneladas, mas caíram 5% em dólares. Em relação a 2007, as exportações caíram 65% em peso e 48% em dólares.

O déficit comercial dos produtos reprocessados de longos em 2012 foi de US\$ 316,3 milhões, equivalente a 170 mil toneladas. Em 2007, esse segmento obtinha um superávit de US\$ 14,5 milhões, equivalente a 29 mil toneladas. Em 2012, as importações em toneladas caíram 3% em relação a 2011; em dólares, a redução foi de 2%. Em relação a 2007, as importações cresceram 77% em toneladas e 65% em dólares. Em 2012, as exportações em peso caíram 13% em relação a 2011 e, em dólares, a queda foi de 11%. Em relação a 2007, as exportações caíram 30% em peso e 25% em dólares. A deterioração do saldo comercial do setor reflete a forte perda de competitividade da cadeia metal-mecânica desde a crise internacional de 2007/2008.

De acordo com o economista José Reinaldo Lourenço, responsável pelo departamento de economia e estatística do Sictel,

nos próximos anos, o mercado mundial de aço deverá conviver com um crescente excedente de capacidade de produção, que atualmente é de 580 milhões de toneladas por ano. Esse excedente dificultará a recuperação dos preços do aço, comprometendo a rentabilidade do setor. "Existe um consenso entre os principais economistas brasileiros de que o câmbio é o principal responsável pela não competitividade da indústria brasileira e coloca o Brasil como um país caro para viver e produzir", declara José Reinaldo.

Nos últimos anos, o Brasil teve uma inflação de 5% a 6% ao ano, mas a taxa de câmbio não teve uma desvalorização equivalente; muito pelo contrário, em vários períodos houve uma apreciação do real em relação às principais moedas. Para o economista, o aumento dos custos internos, aliado a apreciação da taxa de câmbio, tem ocasionado a perda de competitividade da indústria brasileira, gerando aumento das importações e queda nas nossas exportações. "O setor siderúrgico reduziu seu superávit comercial de US\$ 4,4 bilhões em 2008 para US\$ 2,5 bilhões em 2012. Estamos caminhando para passar de exportadores de aço e seus derivados para importadores de aço e de produtos com aço contido. Um movimento semelhante ocorreu em toda a cadeia metal-mecânica, incluindo os fabricantes de máquinas e equipamentos", explica José Reinaldo.

Em 2012, o setor siderúrgico trabalhou com uma taxa de ocupação de 71% da capacidade instalada, mesmo exportando 30% da sua produção. Segundo informações divulgadas pelo

IABr no 23º Congresso do Aço, em 2012, o Brasil importou, direta ou indiretamente, quase nove milhões de toneladas de aço, um volume que viabilizaria duas novas unidades siderúrgicas de grande porte. "A importação de produtos é importante para gerar competição entre a indústria nacional e a estrangeira, e para absorver choques de demandas, enquanto se investe para aumentar a oferta local, mas a importação continuada com preços deprimidos poderá levar à estagnação da produção local", adverte José Reinaldo.

Para ele, o governo brasileiro parece empenhado em defender a indústria nacional contra importações predatórias, mas é preciso adotar essas medidas com urgência e que seja sempre observado o conceito de cadeia produtiva. "A exigência do índice de conteúdo nacional para a indústria automobilística deve levar em conta toda a cadeia a montante dessa indústria. Não se pode cair no erro de medir o índice de nacionalização somente nas compras das montadoras. Se assim for, os sistematistas poderiam importar as peças e componentes e as montadoras atingiriam o índice necessário", diz o economista.

Para o Sictel, o governo deveria permitir que o real se desvalorizasse e, mesmo com algum reflexo na inflação, utilizar o conceito de cadeia produtiva na defesa da indústria nacional, garantir a implantação de conteúdo local em toda a cadeia metal-mecânica e reavaliar a estrutura do imposto de importação, com acréscimos compatíveis com a agregação de valor em cada elo da cadeia.

www.sictel.org.br